N.º 9 (131) — 3.º ANNO

Terça-feira, 27 de Dezembro de 1910

PREÇO 20 RS.

Semanario de caricaturas e humoristico

Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ

DIRECTOR E EDITOR
ESTEVÃO DE CARVALHO

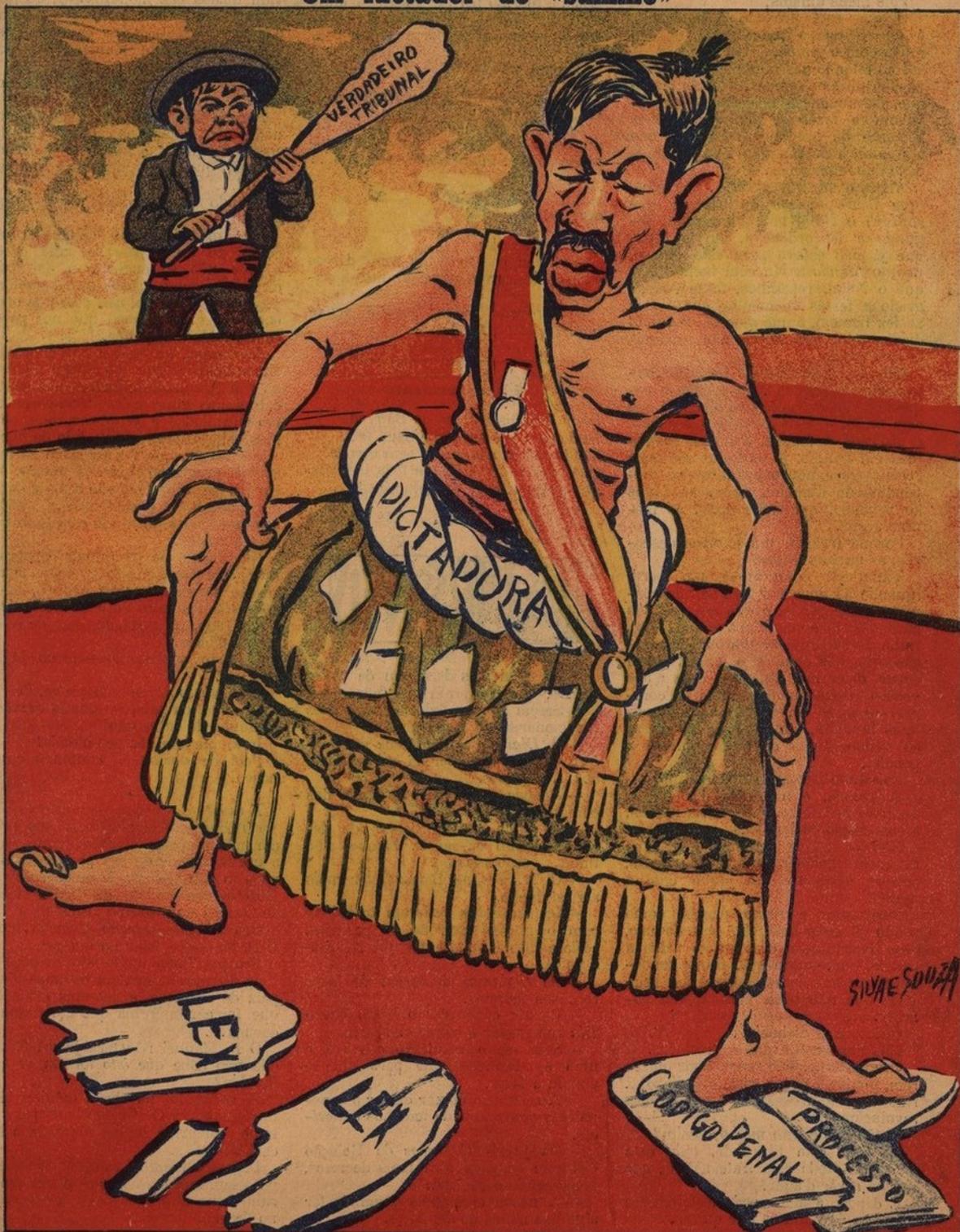
CARICATURISTA
SILVA E SOUSA

ADMINISTRADOR
RICARDO DE SOUSA

Composto e impresso na Typographia do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

SUCCESSOR DO JORNAL O XUÃO

Redacção e administração: T. da Espera, 53, 1.º — LISBOA

Um luctador do «summo»

Zé — Já me tiraste o *sumo*, mas agora sou eu que te consumo!...

AVISO. — A partir do dia 1 de janeiro de 1911, toda a correspondencia relativa a este jornal deve ser dirigida para a Rua da Rosa, 162, 1.º

Redacção e administração de

O ZÉ

Pois meus amigos:

O que está provado á evidencia, é que o tempo muda tudo, e tudo muda com o tempo.

Não falando das mudanças do *tempo* n'estes ultimos tempos, nem do tempo que as mudanças por este tempo levavam a fazer-se, venho falar-lhes sómente da mudança do Natal, que a mudança do regimen teve a habilidade de transformar.

Ainda o anno passado... por agua, (que bem precisou da barrella que soffreu) o Natal era consagrado, segundo a lei ordenava, lei do *Paiz*, que já não estava para este *Seculo*, nem o *Mundo* a viu com bons olhos, que o Natal, repetimos, fosse consagrado a festas ao menino que depois se fez homem, e que morreu, segundo dizem, para nos salvar não sabemos de que perigo.

Mas, ou fosse porque as festas enjoassem ao pequeno, ou porque o pequeno enjoasse as festas, o caso é que este anno, a festa passou a ser feita e dedicada á familia, e assim, ficando toda em familia, já as festas são mais acceitaveis e não causam tantos dispendios de dinheiro, como as festas ao pequeno, queremos dizer, ao menino Jesus.

Porque traziam um enorme despezão, as antigas festas!

Tinha de comprar-se um perú, (quando ás duas por três se não apanhava uma perúa, o que era *gallinha* para nós, mas engallinhava a familia), tinha de se convidar um ou dois amigos, que nos comiam o jantar, e iam depois dizer mal d'elle aos seus e aos nossos conhecimentos, tinha de comprar-se mais vinho, mais sobremezas, mais iguarias, emfim! e, como dizem as velhas, tinha de augmentar-se a panela.

Pois tudo isso acabou este anno!

A panela, é a panela da familia, a carne da familia, a perua da familia, a sobremeza da familia.

Não se convida ninguem, porque ninguem quer vir jantar com a gente, porque todos querem jantar com a familia.

Despresam a nossa panela, como sendo já uma velharia, fóra do uso, fóra da moda, e dedicam-se todos á panela, sua, muito sua, muito da familia, no que fazem muitissimo bem.

Os que não teem familia nem panela...

Oh!... c'os diabos!...

Não nos lembravamos d'estes!...

Ora adeus!... Vão comer onde quizerem, menos a nossa casa, que diabo!... Não haverá, n'esse dia um banquete revolucionario?...

Então não é bem melhor assim?

E' toda esta liberdade, toda esta *igualdade*, toda esta fraternidade, que se está a vêr d'aqui?

E depois, a gente pode festejar com a familia da maneira que quizer.

Por exemplo:

Um individuo, nosso conhecido, *dedicou* o dia á familia, não com jantar de gala, mas fazendo um *gallo* na testa, atirando duas bofetadas á mulher, correndo os filhos pela porta fóra, e dando um *baile* na sogra que a deixou a *pão* e *laranja*, que não é má sobremeza.

Ninguem tem nada com isso!

Foi uma *festa* como qualquer outra, e até com *muzica* de ensurdecer!...

Só a sogra, a berrar, valia bem por duas bandas regimentaes, e ainda ficava muzica... para mangas!...

Finalmente, cada um festejou como pôde este dia, para não fugir á tradição, e mesmo porque durante o anno só ha cinco dias feriadinhos da costa, que é preciso aproveitar o melhor possivel.

O resto

Trabalhae, meus irmãos, que o trabalho...

Agora é que o Zé vae juntar dinheiro, e até me inclino a que elle pensa em ser *inquilino* de si mesmo...

•

NOTA DA CHRONICA:

N'uma escola:

— Se teu pae tiver um cento d'ovos e lhe apodrecerem vinte, quantos aproveita?

— Aproveita todos, porque vende tambem os pôdres.

Epigramma

Dona Francisca Rosa da Bairrada
Senhora d'alta estirpe e nada feia,
E' tão nobre, educada e bem creada,
Que traz agora a lingua toda inchada.
Por andar a falar da vida alheia!

ZÉ ILHEU.

— As madamas deixarem de pegar no *Zé*, que compram nas tabacarias.

— Serem presos todos os *honrados* funccionarios da monarchia.

— O *Diario dos Vencidos* do *Correio da Manhã* deixar de ser o *Diario dos... Fugidos*.

— Acabar a perigosa epidemia das conferencias nos theatros.

— A Gaby Delliss deixar de declarar que o ex-rei D. Manuel não tinha..., enthusiasmo.

— O sr. Dantas Baracho ter mais algum duello.

— Os ministros poderem trabalhar com o grande exercito de pedintes, reclamantes e adherentes que lhe bate á porta.

— Os *thalassas* deixarem de fazer reuniões secretas.

— Deixar de correr o boato que o *Dia* vae passar a ser monarchico.

— Saber-se o resultado das mil e uma syndicancias que para ahi se andam a fazer.

— A republica deixar de ser a benevolente protectora de todos os *adhesivos*.

— Os juizes *thalassas* da Relação deitarem cá para fóra mais decretos, favorecendo o *Xuãosinho*.

— A nossa engraçada Cremilda ter algumas noites de descanço.

Casos bicudos

I

Ora vejam lá *vocelencias* se isto não é um paiz de malucos!

Sempre se tem dito — e não somos só nós a dize-lo — que isto é um «paiz de doidos varridos».

Ha quantos annos se andam para ahi a chamar doidos uns aos outros, como se o paiz fosse o hospital de Rilhafolles!

Já no tempo da monarchia, os republicanos — e com razão! — chamavam doidos aos monarchicos, e estes, o repetiam aos republicanos, como dentro de Rilhafolles os doidos se devem acusar de malucos uns aos outros...

E sabem vocencias por que dizemos isto?

Porque em Portugal não se faz nada que esteja na conta, não ha coisa alguma que não saia dos seus limites, que tenha a cabeça no seu logar!...

E' tudo feito á maluca; é tudo exaggerado!

Nas modas, ou os homens uzam, como no anno passado, uns côcos a que não se enchergam as abas, ou uzam como n'este anno, cahidos para traz, á fadista, uns côcos de abas enormes, exaggeradas, que nos parecem o toldo d'uma loja.

As damas, ou trazem uns enormissimos chapéos que não cabem no arco da rua Augusta, ou enfiam nas gentis cabecinhas umas ceiras tão apertadas, tão afuniladas e pequenas, que nem lhes caberá dentro meio kilo de figos!

Na viação, que faz parte do caranguejal progresso que cá temos, os carros electricos, ou vão a pisar óvos, dormindo atraz d'uma carroça, ou *desandam* a nove, atirando com tudo por ares e ventos.

Na justiça, ou se prende depois de mil precauções, muito trabalho, e rigoroso segredo, o João Franco, ou o põem na rua com cara de innocente!

Ou tudo, ou nada, mulher de seiscentos diabos!

E' tudo assim; meio-termo já se não uza.

Do *palheto* já se não prova. Ou se bebe agua, ou se apanha uma *tachada* medonha do carrascão!

Irra, que isto não se entende!

Paiz de doidos... contando comnosco!

•

E esta?

«O *Daily Mail* annuncia que procurando preparar-se dignamente, para a eventualidade do *seu* paiz o chamar para o throno, D. Manuel resolveu assistir aos cursos da Universidade de Oxford no proximo anno, etc.»

Ora a gente sempre vê cada uma! O D. Manuel a falar no *seu* paiz...

Seu paiz? Mas então isto é d'elle?

Já dizemos acima, que estamos n'um paiz de malucos, e estamos em crêr, que foi a monarchia que lhe pegou a doença...

O D. Manuel não terá juizo? Então elle não sabe que *isto* foi um ar que lhe deu?

A corôa foi na cheia, menino Manuelsinho... O throno foi para o lume, porque o frio é muito, e o sol está doente...

Depois, o menino, radioso, reconhece no telegramma acima, que é um ignorante, que nunca se devia ter sentado no throno.

Um rei, que esteve três annos a comer á custa d'um povo, e que depois de desthronado reconhece que precisa frequentar a Universidade de Oxford e estudar o problema colonial, como no mesmo telegramma se diz, bem merece palmatoadas!...

Ora pois...

•

Ao contrario do que um nosso collega humoristico tem dito, o governo não tem perseguido os funccionarios honrados — honrados, note-se! — do antigo regimen. A'quelles por onde não havia que pegar, deixou-os ficar nos seus nichos.

Pois alguns d'elles declaram-se agora hostis á Republica. Os juizes da relação de Lisboa despronunciaram João Franco.

E foram-se agarrar á Carta Constitucional, os espertos, como se cahida a monarchia, não estivesse tambem por terra a carta!

Muito bem fez o sr. dr. Affonso Costa, atirando com elles para a India. Bichos d'aquelles, só no deserto!

Teria muito que vêr se depois da Republica proclamada, nos estavamos a reger pela carta da monarchia...

Se ha mais juizes que ainda julguem a carta de pé, que o digam, que se vae arrear o D. Pedro da estatua do Rocio!

VIU-SE GREGO.

O teu «Diario»

Confiaste-me o teu *Diario* qu'rido,
Recordações d'um anno todo amor.
Eu li-o n'um enlêvo, com fervor,
O passado julgava resurgido.

Aquelle beijo santo, enternecido,
Que te tornou vermelha de pudor;
Juramentos, offertas sem valor,
As provas d'um affecto engrandecido,

Tudo ali apontaste, ó minha amante!
Desgostos, alegrias, mil desejos,
A tua vida inteira, instante a instante!...

Esqueceu-te uma coisa, ó cherubim:
Recordares a tarde em que os teus beijos
Me tingiram as faces de carmim!

MANUEL CHAGAS.

Cautela!

O nosso Antonio *Zé* vae-se vêr á brocha com a *Metralhadora*, que é uma menina que já esteve na rua do Capellão.

Olhe que é um homem casado, filho de Deus!...

Vem ahi o «Manélsinho»
A cavallo n'uma pulga.

GLOSA

Informa-nos um visinho
Homem que é grande *sabão*,
Que em manhã de cerração
Vem ahi o «Manélsinho».
A' pressa n'um instantinho
Leis d'alto bórdo promulga,
Os republicanos julga
E condemna a ruim serviço
E consegue fazer isso
A cavallo n'uma pulga!

JANOTA.

Aguas passadas

João Franco — que por signal nunca fôra franco no programma do seu nefasto governo que o Diabo atirou para as profundas do inferno — *amigára-se* com a justiça *ultra-thalassa* e agora mais uma vez se atreveu a escarnecer do povo com as suas manhas, aliás bem conhecidas, de rapoza velha, e isto oh gentes! ainda em plena revolução democratica!

João Franco, o réu magrisela, cuja espinha verga ao peso formidavel dos mais negregados crimes, o *mata-gatos* como tanto se *celebrára* em Coimbra-Bohemia e o *mata-gente* como se inculcára n'esta *Lisbia-Amada* — onde médra o *nabo* e o *rabanete* sem confundir a verdura e a vermilhão vegetaes com as tintas da bandeira do governo do sapientissimo mestre Teofilo — o dictador negro, foi *isento* das graves responsabilidades do regimen despotico: estará livre?...

Certo é que os juizes tógados que o despronunciaram já *apanharam para o seu tabaco*, e se o Solon da justiça democratica portugueza, o grande Affonso Costa, lhes não applicou a lei de 13 de fevereiro (permitta-se a phrase) fôra por haver sido já extincta a relação de Timor, quando não, nem o nosso senhor Jesus Christo os soccorria! O Supremo Tribunal, o alto baluarte da justiça onde pontificam seraphicos e apostolicos Doutores da Lei, que breve e em ultima analyse, vae julgar o *Messias*, se não encontrar tambem materia criminosa no processo, talvez por *artes de berliques e de berloques*, ache punhados de virtudes e de martyrios e será capaz mais dia menos dia se coroar o *Salvador*... com a aureola dos santos!

Esta não lembrará ao diabo! crédo, cruzes canhôto!

A'manhã Garvóche *pilha* um pão da argentaria companhia *gesso*-monopolista, mata com elle a fome a mais dois desgraçados, hirtos de frio, e o augusto tribunal *encafua-os* no *estarim* da Penitenciaria!... Hontem um miseravel violentou, massacrou, cobriu de lucto e de miseria o paiz inteiro: cuspiu o brio e a honra, esbofeteou a Innocencia e a Virtude: pois bem, a vara torta da justiça, que o grande tribuno Alexandre Braga em tempos disséra: *ser uma vara de porcos*, será capaz de guinda-lo, á Côrte Celeste, apenas accessivel aos Eleitos e aos Justos.

Esta seria pyramidal!...

• • •

O Natal d'outr'ora, hoje a chamada festa da familia d'esta bella Republica, que Deus conserve por muitos tempos e bons, este anno passára como um sorriso amarello de tristeza pelos lares portuguezes!

Foram-se á *viola* os velhos tempos, os ritos e os mythos e o velhote da Barba longa; e até as classicas missinhas do *qui-qui-ri-qui*... e da gallinha, profanadas pelas diabruras de Cupido, a consoada da meia-noite e o nervótico perú não se exhibiram tão devota e apetitosamente! Tudo mudou!...

D'esta vez só houve *pirúas*, como a cardina que inspirou o Padre-Mattos outra vez a *adherir*... para *desadherir*... com mais facilidade que *desviara* a agua da Companhia!

Pirúas, phenomenaes, indiscriptiveis e pantagruélicas!

Bebedeiras do *rôxo*, em que o popular *Tlim das flôres*, soltára barbaras risadas, escancarando a bocca de *fauno*... citadino, vestido á época (verde e vermelho) sem offensa ao poeta Guerra Junqueiro, que é todo azul e branco...

E elle, o heroe do summo da uva, á frente da malta ebria, foi coroar de papoilas e de myrthos a fronte bonacheirona do nosso Falstaff das pipas, o mui illustre e pançudo Zé Maria dos Santos.

E, commovido até á lagrima alcoolica, proferiu o seguinte discurso:

«As ondas espumantes e democraticas do vosso vinho (indicando-a) da côr d'esta blusa, que a minha grande fé *vinhacea* alcançou com honra, são o balsamo que dá calor ás nossas vidinhas, e foi outr'ora o esquecimento para os horrores que soffremos sobre as *tarimbas* da Parreirinha, quando havia *reises*..

Homens grandes, ha apenas dois: — Camões e Vocelencia... perdão, manda a Republica que se diga cidadão... Sim, porque aquelle que foi ceguêta do olho... e *nada* via pela rectaguarda, perdão tambem que via um pouco pela frente, é a alegria da nossa alma; e o cidadão abastado Zé Maria é o nosso sangue; mas olhe não levante o preço de 55 réis o litro, porque já *vem a nove* o decreto da abolição do imposto do consumo.

E perdoae-nos cidadão as nossas dividas e venha a nós, os da irmandade de S. Martinho, o vosso vinho, o unico reparador das forças perdidas... e o consolador dos afflitos!

A irmandade agradece.

Viva o nosso Zé Maria!

E viva tambem eu, o mais *consoladinho!*

Tenho dito!»

E beberam até cahir, a noite inteira!

As familias coitadas, em casa não tinham sequer um osso com tutano para roer e *lambiscar!*

O velho da barba longa, já não foi á meia-noite deixar prendas e bôlos sob o travesseiro dos pequeninos! Pudera: o *Zé* Maria dos Santos convenceu-o a não *adherir!*...

Ah! *thalassas, thalassas!*

Oh grande *Tlim*... bebe-lhe sempre bem e do melhor e chega-me n'elles... que a Republica, a quem está confiado o teu destino, te valerá...

HENRIQUE DE CARVALHO.

Coitadinhos

O *Correio da Manhã* na secção de *Provincias* diz que se protesta contra a lei do inquilinato, porque os proprietarios não querem andar de uma terra para outra a receber *rendas*.

Ora coitados!...

Nós para receber até iamos a Palmella!...

Hom'essa!...

A Capital do dia 21 dizia que o vapor *Anselm* se tinha prendido no *casaco* d'um outro navio.

Navio com *casaco?!*

Que raio de bicho é esse?

Pódem dizer que sou *pilha*,
(Conforme p'ra ahi se escreve)
Mas não faço uma quintilha,
Mando á fava a gazetinha,
Meu leitor... faço hoje *gréve*.

Que as *massas* em profusão
P'ra o meu bolso corram lestas,
Que eu teso como um pimpão,
De parodia e reinação
Vou gosar todas as festas.

Vou comprar muito chouriço
E petisqueiras das bôas,
P'ra mandar ao meu derriço,
Que me dá volta ao toutiço
Com as malditas das *brôas*.

Se a leitora não se amúa
E se for gentil e esperta
Mande cá p'rá nossa rua
Uma anafada *perúa*
— Que eu apanho-a pela certa!...

PRESIDENTE.

Ora o ridiculo!

Um collega que d'antes mangava com o rei por elle ser medroso, caricaturando-o entre uma floresta de bayonetas, ralha agora por o pae Teophilo não se rodear de cavallaria, e chama a isto *uma democratice ridicula*...

Ridiculo é o collega!

Ora tome juizo, que é o que lhe falta!

Vossês veriam...

As mulheres portuguezas querem voto.

Dêem o voto ás mulheres, com seiscentos diabos, se querem ver a *gajada cá* da redacção eleita por maioria!

Bando precatorio a favor do ex-rei D. Manuel

O ex-rei está tão pobre que só um bando de contrabandistas o poderá salvar...

Os logistas barbeiros pediram ao governo para descançarem á segunda feira.

E' de justiça o pedido, porque ao domingo é que o Zé tem tempo para rapar os queixos.

A' segunda que é dia dos sapateiros, descançam tambem os amigos «escamas» e fica tudo na ordem sem prejuiso para ninguem.

Se as outras classes escolhessem cada qual um dia de semana para o seu justissimo descanço em vez de vir tudo á estacada pelo domingo, animava-se o commercio e a cidade durante a semana toda.

E' este o nosso parecer.

Se é mentira... vae para o sacco!

O descanço é bem preciso,
Tambem o quero p'ra mim,
E assim.
Com um bocado de siso,
Nem o povo padecia
Nem quem trabalha soffria.
Era mesmo um Paraizo.

Reappareceu o *Illustrado* de funambulesca e thalassica memoria.

O seu editor chama-se Veneno. Como elles foram descobrir qualquer cousa de nome pernicioso para defender a monarchia.

Não conhecemos o sr. Veneno que pode ser um excellente homem, mas quem usa um appellido assim, arranja outro ou ingére o appellido.

O *Illustrado* aproveitou o veneno. E' jornal monarchico e... basta.

E' bem bom que se conheça
Que esse thalassico empeno
Foi pôr logo na cabeça
Um Veneno.

•

A fraudulagem de alguns commerciantes gananciosos, teem augmentado nos ultimos dias o preço dos genero de primeira necessidade.

Na espectativa da lei modificando o imposto do consumo, os mariolas querem obrigar o povo a pagar exaggeradamente, para depois diminuirem, ficando tudo pelo mesmo preço.

E' preciso que o sr. José Relvas trate de conter a ganancia dos taes bilhostres.

Não seja só a lei contra os agiotas, quando a usura se exerce dentro dos estabelecimentos onde se vendem os generos precisos á vida.

O azeite está carissimo, a manteiga, o café, o assucar e tudo.

Em vez de pedirem o descanço semanal obrigando os outros a não governarem a vida, melhorem a situação do povo.

Abolir o imposto do consummo para enriquecer varios *Fabianos* sem garantias para o Zé, é desnecessario.

O preço a que tudo tem chegado, demonstra o fito de aproveitar a abolição do imposto para ficar tudo como estava.

Assim não vae.

Com franquesa, franquesinha,
Tendo novos ideaas,
Não é bom, por vida minha,
Que a nossa magra bolsinha
'Sportule cada vez mais!

Carecas... á mostra

III

Anda certo typorio por ahi,
Como um cão farejando na cidade,
Dizendo mal de toda a humanidade,
Quando tem muito que dizer de si!

Typo mais trapalhão eu nunca vi
Que diga tanta asneira com maldadè;
Parece ter deposito, em verdade,
Na pança que é maior que a do Chaby!...

Não sabem que este heroe do maleficio
Tramou os officiaes do seu officio
Com *massas* que gastou o estravagante,

P'ra grande pansa encher a toda a hora?
Por isso nos parece uma senhora
Que anda no seu 'stado interessante!!

Zé Ilheu.

Aos leitores

Já passou no domingo a festa do Natal
A festa da familia amiga do Zé Povo,
Mas vem no dia 1, agora o anno novo
Que torna alegre o Zé e o resto etcetra e tal.

As boas festas dar, é pouco natural,
Os bilhetes mandar, é cousa que não louvo,
P'ra visitar alguem eu nem sequer me môvo
Pois cá com a familia é que é o principal.

Se porém ha quem creia ainda no bom Christo
Que existiu, se viveu, mais pobre que eu existo
E morreu a sorrir pregado n'uma cruz,

Se o Natal, o christão, inda por cá actua
E' tempo de mandar ainda uma perua
Ou, em caso melhor, um casal de perus.

Orlando.

— Ai, senhora Rita, muito me custou hoje a vir para o tanque! Sempre está um frio!...

— E' verdade, está de rapar!...

— Eu venho toda encolhida.

— Tambem eu trago tudo encolhido: mãos, pernas, braços, nariz... tudo.

(Depois de se prepararem para começar o trabalho):

— Então que me conta de novo?

— Eu nada.

— O que?... Então hoje não ha nada de que falar?

— Não sei nada de novo. Para mim é tudo velho?

— Tudo, tudo?

— Tudo, já disse!

— Mesmo o seu primo cadete?

— Ora adeus!... Lá começa vocemecê com as suas coisas.

— Bem, bem, não se zangue, que isto é brincadeira. Vamos ao que importa: Então não sabe que a lei do inquilinato parece que vae ser modificada!

— Sim?!... Não sabia!...

— Pois é verdade. O dr. Affonso Costa, parece que entregou a uma commissão de pessoas interessadas no assumpto, a lei do inquilinato, afim de ser analysada e corregida n'alguns pontos.

— Deus queira que não vá ficar peor... Isto de panela mexida por muitos...

— Veremos o que sae.

— E' verdade!... Outra coisa que lhe quero perguntar!... Que me diz ao D. Manuel ir agora estudar para rei?!...

— Para rei?!...

— Sim, para rei, então não sabe?

— Mas rei de quê?... Da *Madureza* ou de que paiz?...

— D'este! Parece que ainda está com suas idéas de cá voltar...

— Então bem digo eu... é para rei da *Madureza...*

— Dizem que vae assistir aos cursos da Universidade de Oxford, e depois percorrer diversos paizes para aprender a governar.

— Mas se elle está pobre, como disseram os jornaes, quem lhe paga a despeza da viagem?

— Isso agora não sei.

— Espere!... Querem vêr que vae percorrer o mundo a pé, a vender bilhetes postaes illustrados, como fizeram esses rapazes portuguezes, aqui ha tempos?!...

— Talvez, sim, talvez!

— A não ser que ganhe alguma aposta, como aconteceu a um individuo lá da minha terra, que ganhou uma grande aposta e ficou rico.

— Como foi isso, conte lá!?

— Ora... foi muito simples. Na minha terra havia um rapaz, (bonito rapaz que elle era) com fama de grande nadador. Uma vez, chegou aos ouvidos da fidalga, a morgada lá do logar, rapariga interessante e destemida, e que tambem nadava na perfeição, a fama deste seu antagonista.

— Aposto que se enamorou d'elle!

— Espere, que já lhe conto o resto. Mandou-o chamar e propoz-lhe um desafio de mergulho, afim de vêr qual dos dois tinha mais folego. O rapaz acceitou.

— E ganhou?

— Espere! Arranjou-se uma corda muito comprida, e na estremidade, deu-se-lhe um grande nó a que se prendeu uma moeda de oiro, e um grande pezo para a corda ficar esticada. Se elle fosse capaz de ir á extremidade da corda tirar a moeda, ganhava a mão da morgada.

— E se perdesse?

— Se perdesse, ficavam-lhe as fazendas confiscadas. Era do ajuste.

— Bem, e depois?

— Deitou-se portanto a corda ao rio, que tinha muita fundura lá em certo sitio, e a morgadinha atirou-se á agua. Isto na presença da gente mais grada da terra. A morgadinha não chegou a estar dez segundos debaixo d'agua e veio logo para cima.

— E o rapaz?

— Oh!... Esse... mergulhou... mergulhou... e foi até ao nó...

Ariel.

E' verdade!

Então o nosso *Imparcial* não diz que o sr. Antonio *Zé* nasceu em 1886 e sahiu medico em 1895?

E' tão estudioso, que até já tinha o curso dos lyceus na barriga da mamã!

Bem lembrado

Vae sahir brevemente um decreto declarando que as *ginginhas do rei*, passam a denominar-se *ginginhas do presidente.*

O Poema da Rua

III

Em que o auctor encontra um môlho de cabellos.

Cabellos de mulher, negros, perdidos
Na rua da casita onde ella móra...
Quem sabe, ó doce imagem seductora,
Se teus serão estes cabellos qu'ridos?!

Teus, sim, que os tens formosos e compridos,
Minha dona gentil, encantadora...
Cabellos, eu vou dar-vos n'esta hora
Uns beijos mais ardentes que sêntidos...

Meus labios sabem mal, — oh desventura!
Meus dedos são os dedos d'uma preta!...
O negro do cabello era pintura!

Lá se borrou agora a poesia...
O' Musa, que desgraça é ser poeta
E andar mexendo em tanta porcaria!...

Manuel Chagas.

PHANTASIAS

Uma por semana

Como sabiamos ir em breve partir para as regiões do Passado, o já velho anno de 1910, resolvemos ir procura-l'o a casa tanto mais que sabiamos ser este um anno que levava bilhete para ter paragem no apeadeiro da Historia. Como o *anno* não tinha casa em Lisboa onde só reside um seu afilhado o *Dia*, foi n'um quarto d'um 4.º andar que o fomos encontrar fazendo as suas malas de molas molles para a jornada. Explicando ao que iamos, diz-nos em tom amigavel:

— Vá tomando notas se quer, e depressa. Tenho de ir ainda despedir-me aos outros paizes. Faz favor de inquerir que eu respondo.

— Eu desejava saber toda a sua vida.

ul— Então lá vai: Nasci logo a seguir a 31 do lotimo momento de meu pai e este legou-me go de entrada uma cheia...

— Comprehendo; falta de vagas...

— Qual; uma cheia com vagas que alastrava o Norte do paiz. Por minha conta propria continuei a rede das associações secretas, o terror da *secréta* e dei ao Affonso Costa as cartas com que elle descartou os monarchicos.

— A proposito que me diz d'esse homem?!

— Desde que nasci, morria por ver esse vulto n'um lugar de vulto. E' que eu via debaixo do seu côco um các̃o á cóca dos descôcos do regimen, para fazer propaganda cá dentro e ir lá para fora desfazer os ataques em destaques da garganta.

— V. Ex.ª foi um anno mau...

— Fui. Em mim vi desapparecer cerebros como os do Consiglier Pedroso, Miguel Bombarda e Candido dos Reis; creei elementos terriveis de destruição: a cheia, mal que só se combate com botes; as gréves graves aggravantes para constituições novas; e peor que tudo, horrida! peor que todas as desgraças em bando, o bando precatorio! Fiz passar a terra pelo rabo de dois cometas e acometti os escandalos do Bispo de Beja. Em fevereiro, dei o Carnaval e em novembro estive para contribuir para as victimas da Revolução com um tremelique de terra; contentei-me no entanto, com alagar as beiras e mergulhar a Extremadura.

— Tambem é facto, V. Ex.ª foi muito molhado...

— Pudéra. Queixavam-se de eu ser um anno muito quente.

— E em outubro?

— Foi o mez do sangue p'ra monarchia. Meu Pai quiz que eu cazasse com essa velhóta, alquebrada, falida e mal paga, que comia do povo ha 80 annos a fio...

— Oh!... Isso era fiar de mais.

— Desconfio que foi o seu mal; devia a todos, sugando todos, nunca pagando.

— Isso não era mulher, era um canil cheio de cães!

— Em outubro resolvi mandá-la á fava emquanto o Teixeira se enchia de tezura. O Teixeira é quem lhe punha a casa. Desde então vivo com esta pequena de que levo saudades. Ella ainda anda dificilmente, mas meu filho 1911, deve-lhe servir de apoio para poder caminhar a par das outras nações...

— Diz-se que matou immensa gente...

— Então, foi precizo!... Emquanto cá havia padres, era tal o accrescimo de população, que só dando cabo de muita gente, se não acabariam por se comerem uns aos outros, com grande gaudio do sr. Bispo. Mas agora de jesuitas e frades, só os das pastelarias e os feijões das mercearias.

— Que não são pouco revolucionarios com couves.

— Em quanto ao clerigo secular, do seculo xx, apanha um 31 se se metter mais em politica, que nem lhes ha-de caber um feijão frade no umbigo.

— Que fez ao D. Manuel?

— Ora! Cá esfolava o Zé, pondo-lhe nas castas costas, custas e sellos, emquanto suas sollas se gastavam nas salas, e impostos postos por pestes politicas, e ao menos lá fóra não hão-de faltar grandes pequenas para cuidar do rapaz.

— Sim. Demais a mais, elle é bonito, põe-se bem.

— Você lê o sabe: chegou-o a ver de grande gala?

— Oh! se vi. Quando ia aos *Te-Deuns?* E ácêrca das associações secretas? Não acha um povo altivo, e que sabe guardar tão bem os seus grandes segredos, que, não deu á *dica*...

— E' que, se se sabe o segredo, vinha o degredo e mesmo o povo portuguez não é do que mais dá á lingua. Para isso o francêz. Cá este, berra debaixo, alto e bom som, com tom de fanfarrão.

Encerrando os ultimos bahus ainda inquerimos sobre theatro e companhias, ao que o nosso amigo nos elucida:

— Ah! meu caro, as francezas deitam a perder as portuguezas. Não sei se é da lingua se do trabalho, o certo é que ellas teem casas á cunha, e os pobres actores portuguezes teem de viver na mizeria. Bem, adeus meu amigo. Parece-me que não esquece nada, levo ceroulas, camisas grandes de dormir, camisas pequenas, peugas; ficam aqui de fora estes papeis para dar á luz do dia p'ro anno. São varias syndicancias e outras coisas mais.

Já na escada, despedindo-se de nós, elle ainda vae dizendo o que leva:

— Papel para escrever, papel de jornal para embrulhos, papeis de credito...

— Adeus meu amigo; não se esqueça dos papeis para o seu filho pôr a lume a lama ainda não a descoberto.

— Sim cá vae; papeis para annos...

— E papel para anus que?... indagamos já no 1.º andar, n'um andar apressado de quem desejava compilar estas notas.

— Para annos que venham mais tarde, rematou elle transpondo a porta da rua.

Eu Proprio.

O actor Joaquim d'Almeida

Ora até que emfim, o velho actor Joaquim d'Almeida apanhou a reforma!

Tambem já não era sem tempo!

Mal diria elle que havia de ser a Republica quem o premiaria d'essa maneira, pois se a monarchia ainda existisse, com certesa não apanhava este *premio do natal.*

Sim, senhores! Um bravo ao tio Bernardino, que sendo ministro do Interior olha para o interior dos outros e faz verdadeira justiça.

Porque será que os *adhesivos* ainda são os *reis* d'esta Republica?

Os ovos já subiram a deseseis vintens a duzia e quem abicha uma constipação de marca trez estrellas como nós, tem de passar sem gemmadas porque demais a mais o assucar negro como um tição, está a dose vintens cada kilo.

Escamados como um besugo escamado pela mão de uma sopeira bôa, nós vamos pedir ao sr. José Relvas que, fabrica um vinhão que é d'alto lá com elle, que trate de abolir o imposto de consumo quanto antes.

Se o não fizer, morremos antes do fim do anno e quando os generos estiverem mais baratos já não bebemos, não comemos e não fumamos.

O peior não é isso.

E' que não podemos ir ao theatro e fica o Zé privado, livre d'aquella graça que nunca tivemos por favor da sorte, que nos fez tristes como um mocho viuvo.

Tem de limitar-se ao cartaz dos jornaes, fazendo como eu faço hoje.

E elle ahi vae porque está o nariz a pingar, os olhos choram e a cabeça dóe.

Lá vae Cartaz:

Nacional — *Noventa e trez,* drama extrahido de um romance de Victor Hugo.

Republica — *Santa Inquisição,* peça de Julio Dantas.

Trindade — *Amor de principes,* com bella musica de Elysier.

Avenida — *O Conde de Luxemburgo,* musica de Franz Lehar com o concurso da gentil Cremilda.

Gymnasio — *O rato azul,* bella *pochade.*

Apollo — *O Fado,* que é um fado para o bilheteiro.

Rua dos Condes — *O Conde de Monte-Christo,* dramalhão de agrado certo.

Colyseu dos Recreios — Lucta japoneza e variedades.

Colyseu de Lisboa — O celebre Raymond com a sua companhia.

Theatro Phantastico — A revista de Pedro Bandeira *Antes e depois.*

Salão Foz — Animatographo e cançonetas.

E com isto não os enfademos mais.

Boas festas.

Orlando.

Secção charadistica

Decifrações do n.º 7

1. Pegaso, peso — **2.** Wolga olga — **3.** Nodo odo — **4.** Tordo ordo — **5.** Entroncamento — **6.** Se o decifras dás no vinte.

(1) Combinada

\+ na — medida
\+ ble — arvore
\+ fa — fome
mulher

Xuão.

Sarau academico

Orpheon de 300 raparigas

Não affrouxa o enthusiasmo por esta festa, o que nada admira, se attendermos aos seus elementos, em que se destaca o grande orpheon femenino organisado exclusivamente para este sarau. O interesse do publico é como dissemos enorme, principalmente na academia, desejando todos que se approxime com brevidade a noite do espectaculo.

Ultima hora

Redacção Zé, Lisboa (atrazado.) — Afflitissimos. O Sena sahiu do leito e deixou tudo encharcado.

Legação em Paris.

•

Redacção Zé, Lisboa. — Cheguei optima e creio ter convencido as mulheres portuguezas a que á valentona puchem pelos seus direitos.

Madame Pelletier.

•

Redacção Zé, Lisboa. — Agradecendo manifestações á minha tezura parto em excursão para as Beiras.

Zé alfacinha.

•

Redacção Zé, Lisboa. — Hei-de voltar a Portugal. Batalhão restaurador ser commandado por Bispo de Beja que leva para mais de 300 meninos de côro.

D. Manoel.

O Natal da Redemptora

Guiados pela estrella do grande *Oriente,* os pastores encontram emfim aquella *annunciada*... para cima do Largo da Annunciada...